



Tramitação Editorial:

Data de submissão (recebimento):
01/07/2020.

Data de reformulação: 05/07/2020

Data de aceitação (expedição de carta de
aceite): 13/07/2020

Data de disponibilização no site
(publicação): 22/07/2020

DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.3956755>

Publicado: 2020-07-13

**O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA
NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL**

*Ariane Carreiro de Sousa*¹
*Mairy Aparecida Pereira Soares Ribeiro*²
*Juliana Guimarães Faria*³

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos – Faculdade de Letras–UFG; Especialista em Docência do Ensino Superior – FABEC (2015); graduada em Letras-Libras – UFG (2014); Professora do Centro Universitário de Goiás – UNIGOIÁS, lotada na Pró-Reitoria de EaD. ariane.carreiro@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5509-0777>

² Doutoranda em Psicologia – UCB-Brasília; Mestre em Educação- PUC-Goiás; Especialista em Estudos Linguísticos e Literários-UFG; Especialista em Letramento Informacional- UFG; Graduada em Letras Português-UFG; Graduada em Letras-Libras-UFG; Professora das Licenciaturas do Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS, lotada na Pró-Reitoria de EaD; Estatutária da Secretária de Estado da Educação, Cultura e Esporte de Goiás. mairyribeiro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5571-7154>

³ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (2001), especialização em Informática em Educação (UFLA, 2003), Avaliação Institucional (UEG, 2005) e em Mídias Digitais (IPOG, 2014), mestrado (2005) e doutorado (2011) em Educação pela Universidade Federal de Goiás e estágios pós-doutoral em: (1) Educação, Linguagem e Tecnologias realizado na Universidade Estadual de Goiás (UEG, 2014), estudando a relação tecnologias, linguagem e educação de surdos; e (2) estágio pós-doutoral na Universitat Autònoma de Barcelona/Espanha (UAB, 2017) no Departament de Traducció i d'Interpretació i d'Estudis de l'Àsia Oriental, estudando a formação de profissionais de tradução e interpretação de línguas orais e línguas de sinais. É professora (Adjunto 4) na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (FL/UFG) nos cursos de: a) Licenciatura em Letras: Libras; b) Bacharelado em Letras: Tradução e Interpretação em Libras/Português; c) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística; e d) curso de Especialização em Linguística das Línguas de Sinais. julianagf@ufg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4493-8944>

Resumo: O presente artigo tem como tema as concepções e abordagens relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem do sujeito fundamentadas na perspectiva sócio-histórico-cultural e dialética. Seu objetivo é demonstrar de que forma o processo de aprendizagem de segunda língua baseado nessa concepção pode se dar. A investigação desenvolvida utiliza as técnicas e procedimentos da pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e está pautada na leitura dos trabalhos de dissertação de mestrado (1991) e tese de doutorado (1997) da professora Ivone Garcia Barbosa. Seguindo como base teórica os autores: Leontiev (1978), Luria (1984), Vygotsky (1988;2000) e Wallon (1986). Os resultados da revisão da literatura sobre esta temática apontam para a relevância da linguagem como mediadora no processo de desenvolvimento cognitivo, indicando que o processo cultural facilita a aquisição de uma segunda língua e que a relação entre sujeito e meio são determinantes para o processo de desenvolvimento do sujeito.

Palavras-chave: Sujeito. Desenvolvimento. Linguagem. Língua. Cultura.

Abstract:

This article has as its theme the conceptions and approaches related to the development and learning of the subject based on the socio-historical-cultural and dialectic perspective. Its objective is to demonstrate how the second language learning process based on this conception can take place. The research developed uses the techniques and procedures of bibliographic research with a qualitative approach and is based on the reading of master's dissertation works (1991) and doctoral thesis (1997) by professor Ivone Garcia Barbosa. Following as theoretical basis the authors: Leontiev (1978), Luria (1984), Vygotsky (1988; 2000) and Wallon (1986). The results of the literature review on this topic point to the relevance of language as a mediator in the cognitive development process, indicating that the cultural process facilitates the acquisition of a second language and that the relationship between subject and environment are determinant for the development process of the subject.

Keywords: Subject. Development. Language. Language. Culture.

Introdução

O desenvolvimento desse trabalho está pautado no paralelo entre as concepções e abordagens relacionadas ao desenvolvimento e aprendizagem do sujeito por meio dos aspectos sociais, históricos, culturais e dialéticos, com o objetivo de demonstrar de que forma o processo de aprendizagem de segunda língua pode acontecer na perspectiva da teoria da atividade sócio-histórico-cultural. Para isso, são adotados como referencial teórico para a discussão os autores Leontiev (1978), Luria (1984), Vygotsky (1988;2000) e Wallon (1986).

Os aspectos a serem abordados são a linguagem como atividade consciente do homem e mediadora do desenvolvimento humano; a influência cultural no processo de desenvolvimento e apropriação de conhecimento por parte do sujeito, examinando tal influência no processo de aprendizagem de segunda língua, tendo em vista que aprender uma língua é uma apropriação de conhecimento; a relação entre sujeito e meio no que diz respeito ao processo de aprendizagem, levando em consideração o que Vygotsky e Leontiev defendem, ou seja, que a atividade consciente do homem – considerando-se a língua em uso como um instrumento da

atividade psíquica do homem, logo uma atividade consciente – pode alterar o meio e, assim, o meio modificar a atuação do homem.

Todos esses aspectos são abordados com base nos autores citados acima e no decorrer da discussão é feito um paralelo com uma pesquisa realizada por Paiva (2011), na qual investiga o que motiva a dinâmica do sistema de aquisição de segunda língua.

A linguagem: atividade consciente e mediadora

A linguagem tem como função a comunicação social, capaz de transmitir enunciados e compreensões. Esta comunicação social é mediada pela linguagem, outro sistema de signos ou meios de comunicação, sendo esses mediadores que diferem a comunicação social da comunicação produzida no reino animal. A comunicação embasada na compreensão racional, que carrega intenção na transmissão de ideias e experiências, tem um sistema de meios cujo protótipo é a linguagem humana, que surgiu a partir da necessidade da comunicação social no processo de trabalho. Essa comunicação, além de ter a linguagem como parte do seu sistema, também, envolve o pensamento, o significado, a palavra, a língua, entre outros aspectos constituintes da comunicação humana.

Segundo Vygotsky (2000), em termos psicológicos, a palavra nunca se refere a um termo isolado, ou seja, o significado não está associado a esse isolamento, mas a todo um grupo ou classe de objetos de que a palavra faz parte. Assim, cada palavra é uma generalização latente, em que a realidade é refletida de modo diverso, diferente das percepções e sensações imediatas.

Para Luria (1984 *apud* BARBOSA,1991), a característica fundamental da consciência humana está justamente na condição do homem assimilar toda experiência social, presente e passada, podendo planejar o futuro, vivenciando assim, o mundo conceitual e abstrato e não somente o mundo de impressões imediatas. Assim acontece com a linguagem, do ponto de vista de um sistema complexo adaptativo: o sistema é formado por meio da interação entre diversos falantes na comunidade de fala, na qual a adaptação ao sistema acontece mediante o comportamento do falante, que se baseia nas interações (experiências) anteriores e atuais as quais, juntas, possibilitam a organização do comportamento futuro. Desta forma, a linguagem torna-se uma das condições que leva à formação da atividade consciente de estrutura complexa do homem.

Além disso, Vygotsky (1988 *apud* BARBOSA,1991) afirma que a atividade consciente vai além de um reflexo ou resposta a um estímulo externo, pois ela acontece no processo de transformação do meio pela ação do homem, por intermédio do trabalho e da atividade instrumental. Neste sentido, como instrumento de suas atividades psíquicas internas, o homem utiliza a língua.

Ainda conceituando atividade, Leontiev (1978) a define como uma ação mútua de transformações entre os polos sujeito-objeto, tendo como origem uma necessidade determinada do sujeito que se dirige a um material ou ideal. Assim, para Barbosa (1991), é possível perceber a atividade consciente do homem sendo capaz de alterar o meio e, automaticamente, a si mesmo e essa atividade surge, como citado acima, por meio de uma necessidade inicial.

Sendo assim, pressupõe-se, então, que a linguagem também pode alterar o meio em que o sujeito está inserido, e essa mudança pode refletir de forma transformadora no sujeito que produziu a linguagem.

A relação entre língua e cultura no processo de aprendizagem de segunda língua

No que diz respeito à língua, Paiva (2011) a define como um sistema dinâmico não linear e adaptativo, formado por elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-cultural e político que estão conectados entre si, permitindo ao homem pensar e agir na sociedade. No entanto, Leontiev (1978) diz que é por meio da aprendizagem da língua que a aptidão para usar a linguagem se estabelece, afirmando, ainda, que as diversas aptidões humanas, entre elas, a linguagem, não se transmitem de modo hereditário, biológico, mas ao longo do percurso da vida, por meio de um processo de apropriação da cultura criada e transmitida pelas gerações passadas. Sendo a cultura não apenas uma tradição de determinados grupos, comunidades ou gerações, ela vai além desses conceitos, porque, segundo Barbosa (1997), ela própria se forma e se transforma, e é construída a partir da relação incessante com a natureza, com o trabalho, com o homem, tendo suas regras, valores, crenças e costumes.

Vygotsky e Luria (*apud* BARBOSA, 1997) ao abordarem sobre o desenvolvimento infantil, afirmam que a criança em sua fase pré-cultural, definida como a incapacidade infantil em utilizar-se dos meios culturais para se apropriar do conhecimento, precisa da mediação do adulto, que lhe oferece meios culturais, ativando outro estágio de desenvolvimento. Assim, conforme a criança passa a se apropriar desses meios, o adulto deixa de exercer a função de mediação, começando a existir na criança um funcionamento mental novo. Desta forma, a cultura passa a ser vista como se fosse um agente formador de imagem na mente da criança, tornando-a habilitada para lidar, autonomamente, com os elementos culturais, desenvolvendo novas formas operacionais de pensar. Essa apropriação, inclusive, altera, também, o processo de desenvolvimento da linguagem.

Dessa forma, quando se fala sobre aprendizagem de segunda língua, a utilização de meios culturais ou artefatos culturais, durante o processo, seja na fase infantil ou adulta, pode alterar as formas operacionais de pensar e de reproduzir linguagem.

A relação entre sujeito e meio no processo de aprendizagem de segunda língua

Retomando o que foi citado por Vygotsky (1988 *apud* BARBOSA, 1991) que a atividade consciente do homem pode alterar o meio e, assim, o meio modificar a atuação do homem – a aquisição de linguagem, na perspectiva da teoria da complexidade, também, proporciona essa interação entre o sujeito e o ambiente, daí, a justificativa da influência cultural no aprendizado de uma segunda língua. Paiva (2011), na sua pesquisa demonstra que os sistemas complexos, assim como a aquisição de linguagem, são adaptáveis, desenvolvendo uma habilidade para se adaptar a diversos contextos e a diferentes condições internas ou externas.

Sendo assim, para que o homem adquira uma segunda língua, que, também, se torna um instrumento de sua atividade psíquica, é necessário passar por um processo, que, ora pode acontecer de forma sistemática, ora, de forma natural, pelo simples fato de estar exposto a uma determinada língua. Ambos os processos, alteram o sistema de pensamento e linguagem do homem.

Conseqüentemente, conforme Paiva (2011), a linguagem em uso influencia o aprendiz e é influenciada por suas práticas sociais em um processo contínuo de organização e reorganização, paradoxalmente, estabelecido em graus de liberdade

e dependência. Como afirma Wallon (1986 *apud* BARBOSA, 1991), utilizando-se da concepção materialista-histórica e dialética, mesmo havendo uma diferença entre o sujeito e o objeto, um é condição do outro. A relação entre o objeto e o sujeito acontece por meio da contradição, que origina uma série de ações e reações, em que um atua sobre o outro, modificando um ao outro. Nesse processo surgem conflitos que levam ao desenvolvimento do conhecimento, no qual novas estruturas são estabelecidas, em sistemas mais precisos e organizados, resultando em uma maior apreensão do real por parte do sujeito.

Então, levando em conta as considerações de Wallon (1986), sobre o desenvolvimento do conhecimento, quando um sujeito se submete a aprender uma segunda língua, esse processo passa a ser composto por ações e reações, contraditórias, conflitantes e, aparentemente, desorganizadas, tudo isso, causando alguns conflitos, e é a partir desses conflitos, que o novo sistema linguístico da nova língua é percebido e aprendido pelo sujeito, sendo o sistema linguístico visto como algo real e concreto.

Para ilustrar os conceitos expostos, passa-se a discutir, a seguir, a pesquisa realizada por Paiva (2011), na qual investiga o que motiva a dinâmica do sistema de aquisição de segunda língua, com base na teoria da complexidade, na qual “[...] qualquer elemento no sistema influencia e é influenciado por outros elementos” (CILLIERS, 1998, p.3) *apud* Paiva (2011). Em sua pesquisa, Paiva analisa histórias de aprendizagem de língua inglesa escritas por aprendizes japoneses e brasileiros, com a intenção de demonstrar acontecimentos importantes na ASL, por meio da mudança em três fatores: *motivação, identidade e autonomia*.

Motivação

Sobre a motivação em aprender uma segunda língua, os elementos culturais de um determinado país ou comunidade têm uma forte ligação com o nível que ela se estabelece em cada sujeito. Por exemplo, a cultura inglesa, especificamente, a literatura e a música, parece ser uma fonte de motivação externa. De acordo com os dados da pesquisa, a autora percebeu que alguns alunos queriam aprender a língua inglesa para aprender a letra das músicas, outros por que eram fãs de bandas ou de cantores que usavam a língua inglesa. Dessa forma, os alunos se dedicavam a aprender a língua com mais intensidade, utilizando-se das experiências de práticas sociais da linguagem, por meio de artefatos culturais, como música, TV, leitura, etc.

De acordo com a pesquisa de Paiva (2011), pequenas mudanças nas experiências dos estudantes podem gerar enormes alterações na motivação, sendo que ela pode desaparecer no ambiente escolar, assim, como pode ser intensificada, dependendo das experiências escolares ou sociais estabelecidas entre o sujeito e o meio. Assim, a autora considera a motivação um fenômeno de mudança, podendo crescer ou diminuir. Segundo Barbosa (1991), para os autores soviéticos (Vygotsky, Luria e Leontiev.), a forte influência de objetos e situações históricas contribuem para o desenvolvimento do aprendizado, não sendo este um processo possibilitado, exclusivamente, pela escola. É desse modo que surgem a motivação ou a desmotivação em aprender algo, conforme as experiências vivenciadas em diferentes contextos.

É bom lembrar, aqui, sobre a atividade consciente do homem, que se manifesta a partir da necessidade. Pode-se, então, perceber a motivação como uma atividade consciente do homem, que surge sempre com a necessidade de se alcançar algo, de acordo com o contexto social em que este indivíduo está inserido.

Contudo, a motivação pode deixar de existir, às vezes de forma imperceptível, devido a alguma experiência negativa vivenciada pelo sujeito, gerando, assim, uma desmotivação. O simples fato de uma brasileira ser muito fã de um cantor americano, por exemplo, pode ser uma grande motivação para ela buscar o conhecimento e o aprendizado da língua inglesa. Ou seja, a necessidade de aprender inglês é gerada por uma motivação impulsionada pelo interesse afetivo da fã pelo ídolo.

Identidade

Aprender uma língua inclui diversas dimensões do sistema complexo da identidade. Além da identidade de aprendiz, de gênero e de classe social, outras identidades podem surgir ao longo do processo. Segundo Barbosa (1997), Vygotsky, Luria, Leontiev e Wallon partem do pressuposto de que existe entre o homem e o mundo natural e social uma relação dialética, na qual, ao transformar o mundo e ser transformado por ele, o homem desenvolve a capacidade de promover a autotransformação. Com base neste conceito, entende-se que a identidade do aprendiz pode ser transformada no decorrer do processo de aprendizagem de uma segunda língua, na medida em que essa relação dialética passa a existir ente o sujeito e a língua em contato, sendo que a língua é acompanhada de elementos culturais, históricos e culturais capazes de gerar uma autotransformação no aprendiz.

Autonomia

A autonomia está fortemente interligada com a motivação e a identidade dentro do processo complexo de aquisição de uma segunda língua. De acordo com Paiva (2011), em situações de autonomia, os alunos criam situações de uso da língua e, geralmente, essa autonomia aparece a partir de algum interesse ou necessidade, o que pode, até mesmo, resultar na alteração da identidade. Para a autora, os sistemas de ASL têm mudanças em suas fases e se auto-organizam, envolvendo práticas sociais que permitem a emergência de novas motivações, identidades e novas estratégias de aprendizagem autônoma. Sendo assim, esses sistemas não se limitam apenas às experiências linguísticas vivenciadas no âmbito escolar.

Então, a relação entre o sujeito e o meio no processo de aprendizagem de uma segunda língua estão sempre em evidência. motivação, identidade, , autonomia, entre outros, podem ser considerados elementos de um sistema complexo da ASL, sempre em processo de transformação e adaptação, passando, também, por conflitos resultantes das influencias do meio sobre o sujeito e do sujeito sobre o meio. Esses conflitos possibilitam ao homem reorganizar um sistema que antes era visto de forma desorganizado.

Considerações finais

Pode-se concluir, então, que o processo de aprendizagem de uma segunda língua sofre grande influência de aspectos sociais, culturais e históricos, pois esse processo é composto por fases, que se transformam, organizam e se adaptam de acordo com as influências exercidas pelo meio. Além disso, a habilidade que o homem tem de utilizar a linguagem como uma atividade consciente é desenvolvida por meio do uso adequado da língua. E o uso adequado da língua sempre está relacionado ao contexto em que o sujeito está inserido. Aprender uma segunda

língua irá resultar em mudanças de hábitos, adaptação e transformações de sistemas constituídos pela influência recebida do contexto sócio-histórico-cultural.

Referências

BARBOSA, I. G. **Psicologia Sócio-Histórico-Dialética e Pedagogia Sócio-Histórico-Dialética: Contribuição para o repensar das teorias pedagógicas e suas concepções de consciência.** Goiânia, FE/UFG, 1991. CAP.2 p.136-209 (Dissertação de Mestrado)

_____, I. G. **Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética.** 1977. São Paulo, FE/USP, 1997.p. 19-144. (Tese de Doutorado).

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo.** Lisboa: Horizonte, 1978. P.261-284.

PAIVA, V. L. M. de O. Linguagem e aquisição de segunda língua na perspectiva dos sistemas complexos. *In:* BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F.; STORTO, L. J. **Análise de textos falados e escritos: aplicando teorias.** Curitiba: Editora CRV, 2011. p.71-86.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Cap. 01 [p. 1-18]